

N.º 137 — LISBOA, 27 DE AGOSTO

3  
ANO  
902

# A PARÓDIA

## PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis  
 Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 1000 réis  
 Cobrança pelo correio custa ..... 100 réis  
 Estrangeiro, acresce o porte do correio.

**Preço avulso 20 réis**

Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras

PROPRISTARIOS

**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

E

**M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO**

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES

Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

Composição: Minerva Peninsular

111, Rua do Norte, 113

Impressão: Lythographia Artistica,

Rua do Almada, 32 e 34

EDITOR — CANDIDO CHAVES

## AS CUNHAS DA EMPENHOCA

por Celso Herminio



Os mixordeiros:  
 Mexe-te agora, se és capaz!

**P**ECLAMA-SE de todos os lados o castigo severo dos falsificadores dos generos de alimentação, e já o indigena descrente da moralidade dos costumes e da efficacia das leis, de novo exclama desconsoladamente que está tudo perdido.

A punição dos auctores d'estes crimes de assassinio que se chamam o pão de gesso, o leite de cal, o vinho de sulphato, tambem nós a reclamariamos, embora pela bocca pintada de Arlequino e de Pierrot, mas — ai de nós, e do genero humano! — força é reconhecer que a justiça que pune as facadas, está inteiramente desarmada para punir os envenenamentos pela farinha de trigo.

O caso é este.

Desde Beccaria até ao sr. Armelim Junior que o Direito garante a vida humana e pune os attentados contra a sua integridade, com excepção, já se vê, d'aquelles que se praticuem em nome da Razão d'Estado. As guerras, por exemplo, não são consideradas como attentados contra a vida humana. Póde-se destruir uma raça inteira, comtanto que o façamos com armas aperfeiçoadas.

O que o Direito pune, em materia de assassinio, é o contrabando.

Mas o Direito, que formulou o Codigo Penal, só muito imperfeitamente conheceu o homem.

A obra dos legisladores deixa muito a desejar, no ponto de vista da psychologia humana.

D'ahi, o encontrar-se a Lei, em grande numero de casos, como no caso de que nos estamos occupando, desprevenida e desconcertada.

Foi certamente do conhecimento do Bem e do Mal que veio a noção da justiça. Mas Bem e Mal

são coisas abstractas, como a propria justiça, e demais, o tempo, a moral, as philosophias estão constantemente refundindo essas noções, desorganizando o estabelecido, fundando idéas novas.

Os velhos legisladores pararam na escala do Mal, n'aquelle ponto, que suppozeram não poder ser ultrapassado pelo homem. Por isso, os Codigos estão cheios de codicillos, *post-scripta* com que todos os dias se vae preenchendo as falhas da legislação.

O homicidio estava previsto desde Caim. Os attentados contra a vida humana estão catalogados na lei, e nenhum parecia faltar n'essa obra vasta e volumosa, feita de um saber longamente conquistado no estudo do homem e das suas paixões.

Pois bem!

Faltam muitos.

O legislador não tinha previsto o homicidio voluntario pela farinha de trigo.

Isto esqueceu.

Eis porque nós somos menos impiedosos para a justiça do paiz, para a Lei e para a Auctoridade.

E' que as reconhecemos de mãos a abanar diante d'estes novos, curiosos casos de criminologia.

Que fazer pois?

Leis?

Não.

Em primeiro logar — pão.

O pão em Portugal deve ser feito no ministerio do Reino, como os decretos, sob as vistas da policia.

E' esta a primeira, urgente providencia a adoptar.

As leis virão depois, com a indispensavel demora, como se diz dos barcos de vela.

O pão é que é para já: feito ali, no Terreiro do Paço, sob o olho vigilante do sr. major Dias, á pranchada se fôr preciso, e levado a casa, por precaução, n'uma carroça cellular.

# A HERANÇA MALDITA



CONTINUA regularmente a sua publicação, no Porto, este sensacional romance. Está-se no ponto em que Joaquim Araujo descreve a avareza de Esteves Ribeiro. Extractamos do ultimo fasciculo:

«Estando uma tarde Esteves Ribeiro conversando á porta d'um estabelecimento na praça de D. Pedro, d'essa cidade, e abeirando-se d'elle um pobre, pediu-lhe uma esmola. Esteves Ribeiro não fez caso do mendigo, e este não sahio d'ali. Alguem, que estava no grupo, arreliou Esteves Ribeiro, por forma que este se resolveu a dar esmola ao pobre. Metteu a mão ao bolso do collete e tirou duas moedas de 10 réis, com tenção de dar uma áquelle infeliz.

Uma das moedas cahiu no passeio, depois do pobre já ter a outra na mão.

Pois, com receio que aquelle desgraçado a apanhasse, Esteves Ribeiro abaixou-se repentinamente, e tão bruscamente o fez, para apanhar os 10 réis, que cahiu, esmurrando o nariz e a face.»



Alguns dos personagens do romance andam fugidos, mas o auctor espera deitarches a mão e chamal-os a capitulo — que é o XVI.

Cecilia continua a negar.

Pedidos e assignaturas ao commissariado de policia do Porto.

Acceitam-se agentes.



## ESTRELLAS

(OPINIÕES DE UM ASTROLOGO)

Laura Cruz — A Morgadinha de Val-flór, moderno estylo. Filha espirital da Emilia Adelaide.

Beatriz Rente — Representa em arte, os principios conservadores.

A Pepa — Veuve-Cliaquot.

A Loppicolo — Bucellas Branco.

Palmyra Bastos — A melhor traducção franceza do sr. Mello Barreto.

Maria Falcão — Arte... do pojadouro. Diccão succulenta.

(Continuar-se-ha nos seguintes numeros).

## o pão e o homem



Meu amigo nosso lembrou-se de plantar um craveiro n'um pão de pataca.

Pegou admiravelmente. Antigamente com o que ficava de pão fazia-se assorda.

Depois da descoberta do pão de terra, o pão que fica vae para os vasos de manjerição.

E' o novo mot d'ordre nas casas particulares.



Uma mulher levou á policia um pão, que á simples vista, se reconheceu ser de gesso.



A policia civil communicou o successo á



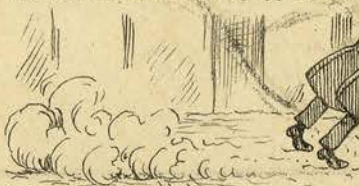
policia administrativa, a qual o participou a



Junta de Saude, que o levou ao conheci-



mento da Junta Consultiva de Hygiene, que



## A PARODIA

o fez subir á glicada do Conselho de Estado.



Brevemente será nomeada uma commissão, que fará um inquerito, e publicará um relatório.



A estas horas vae o pão pelas alturas do Contencioso Fiscal.

Boa viagem!



## E. R. M.



SOCIEDADE Protectora dos Animaes vae convocar uma reunião magna para protestar contra as mixordias de farinhas e rolões, de que tantos pobres animaes tem sido victimas.

E' de suppor que, entre estes pobres animaes, esteja representado o homem e em certa medida a mulher, para que a resolução da Sociedade Protectora não seja de todo considerada disparatada.

Os porcos, victimados pelo espirito ganancioso do nosso tempo, são, sem duvida, bem dignos de lastima, mas não distribuir pelo homem alguma da piedade concedida aos cevados é, pelo menos, fazer uma pessima repartição de justiça.

Reportamo-nos aos sentimentos de equidade da Sociedade Protectora e

E. R. M.

# Os absurdos do nosso tempo

(A RECONCILIAÇÃO)



ALL RIGHT!



## Os sobreviventes do estio de 1902



E anno para anno, o costume de abandonar Lisboa nos mezes de verão se vai generalizando a todas as classes.

Este anno, então, o exodo da população lisboeta

foi quasi total.

Agosto finda e— podemos garantir— somos n'este momento, ao todo, umas cento e cincoenta pessoas, com excepção da Policia, da Guarda Municipal e de um ou outro assignante do *Diario do Governo*.

Entre nós, estas cento e cincoenta pessoas dividimos o encargo de povoar a cidade e fazer as suas despesas de representação.

Somos nós que, nos dias de semana, pela torreira do sol, descemos de calça branca e Panamá, ao logar da Baixa, onde, no inverno, é a rua do Ouro, e ahi, com um monoculo que nos esforçamos por conter no olho sudoroso e murcho, nos entregamos á pantomima de ver quem passa, olhar com desdem as vitrines do Grandella e investigar o electrico Principe-Real-Circulação, onde, ha sempre d'entre os nossos cento e cincoenta colaboradores, uns vinte e cinco em gyro.



Somos nós que, á hora das cinco, ousamos penetrar nas profundidades obscuras do *Rezevous des Gourmets* e ahi cumprir a missão toda social de tomar com stoicismo uma chavena de chá de borragens, trincar um *cake* do Museo de Artilheria e retirar em ordem, caminho dos outros deveres do dia.



Somos nós que, á tarde, quando o sol declina e Lisboa parece escancarar um largo bocejo, povoamos a Avenida inteira, do obelisco ás terras vagas do Dezembargador. Somos poucos, é certo, para tão avultado empreendimento, mas, pondo-nos á larga, lá conseguimos levar-o a cabo, sem apparente desdouro para a cidade.

Raro é o banco que deixamos absolutamente vasio. Esquecemos n'um propositalmente um lenço, n'outro um leque, em outro algum volume em preparação do sr. Queiroz Ribeiro, em outro alguma vagabunda, nostalgica creada para voltas. Em todos, porém, temos o cuidado de deixar o vestigio da pegada humana.



Somos nós os peões, e somos os cavalleiros. O que havia de pilecas disponiveis em Lisboa, umas oito, pozemol-as ao serviço do prestigio da capital. Alguns trens de praça cooperam igualmente connosco n'esta obra de solidariedade.



Somos nós que, revesando-nos, damos estímulo á arte dramatica e publico aos dois theatros que funcionam. Quando ha estreias na *terrasse Foz*, é que claudicamos alguma coisa. N'esta conjunctura o que fazemos, é ir a correr dos *Dois Garotos* para os braços



da senhora Maribrun e dos braços da Mari-



brun para a revista da Avenida. Alem d'isso, não esquecemos nunca de destacar quatro creanças do Asylo da Infancia Desvalida para o Theatro do Infante.



Assim, compomos as salas de espectáculo, de forma a manter o decoro da civilisação, da qual, como se sabe, o theatro é uma-dos attributos.

Tomamos com punctualidade e methodo o caffè do Martinho. Afim, porém, de nos distribuirmos com equidade pelos diferentes botequins da capital, decidimos destacar todas as noites para cada um d'elles, numero não superior a sete consummidores. O Martinho consegue ás vezes exaggerar esta lotação, fazendo sentar um ou outro dos seus moços; mas devemos declarar que somos inteiramente alheios a esta fraude.



Finalmente, lemos os jornaes!

Ah! este não é o menor dever dos cento e cincoenta sobreviventes do verão, em Lisboa!

A partir de agosto, a imprensa põe-se ao serviço de todas as aguas mineraes que abundam no paiz, e então o nosso encargo reduz-se a conhecer não a vida dos Estados e das sociedades, mas a vida dos casinos e dos clubs—pelo Jornal.



Assim, a villagiatura dos que ficam em Lisboa, faz-se nos jornaes. E' á sombra d'estas frondosas arvores da imprensa que re-pousamos das nossas fadigas, é nas suas aguas que buscamos allivio para os nossos empobrecidos organismos. Assim, ha quem esteja a ares no *Seculo* e quem esteja a banhos no *Diario de Noticias*, quem passe o mez de agosto no *high-life* do *Diario Illustrado* e o mez de setembro no *carnet mondain* das *Novidades*.

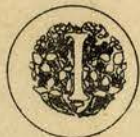
Quando vem outubro e Lisboa principia a repovoar-se, nós, os cento e cincoenta, damos baixa ao hospital.



Começa então o nosso verão.



## Reclamação



ISTO assim não tem jeito! Se a imprensa quotidiana — esquecidos todos os sentimentos de camaradagem e lealdade jornalísticas — entra connosco em concorrência, passamos positivamente para a manhã, com seis paginas e uma descompostura em normando 10.

Já as *Novidades* publicaram, quinta-feira passada, um artigo de uma veia damnada, que estivessem vae não vae para publicar em fundo, n'este numero d'*A Parodia*.

Agora é, o *Illustrado* a contar anedoctas de rebentar os suspensorios, a proposito de Casos, que até aqui só eram das nossas attribuições.



Trata-se, a proposito da nomeação do sr. João Arroyo para o logar de vogal effectivo do Tribunal de Contas, de uma historia de frades.

A coisa é esta.

N'um convento de mendicantes, e para desenfadado das longas horas de penitencia, os fradinhos consentiram em receber a principio uma e successivamente duas, tres e mais almas piedosas, que iam com devoção e ternura suavisar-lhes o piedoso captivo.

Soube o prelado do occorrido e appareceu de subito no convento.

Mas... se dão licença, o *Illustrado* que conte :

«N'uma cella viu, por exemplo, tres boas almas, n'outra quatro, n'outra cinco, chegando o empenho confortativo ao ponto de haver nada menos de sete n'um cubiculo, onde mal caberiam quatro alminhas christãs.



Não se poudo conter o bom do santo provincial que, avincando reprehensivamente a frente, se dirigiu n'estes termos ao felizardo mendicante :



— O' frei João ! Então já se não contenta com uma nem com duas... logo sete !

Frei João, pondo as mãos no peito em cruz, e baixando os olhos á terra que um dia lh'os comeria inexoravelmente, observou no tom o mais seraphico que é possivel pôr na imaginação :



— Então que quer Vossa Reverendissima: tudo se chega para os pobres !»



Aqui está a anedocta.

Agora diga-nos o leitor se ella não significa, referida por um órgão conservador, uma invasão de attribuições.

Inquestionavelmente o é.

Não queremos o monopolio da *bisca*. Do que, porem, não prescindimos é dos nossos direitos a jogar primeiro.

*A Parodia é mão*, ou—repetimos— saltamos para a manhã, com a grande informação e todos os seus horrores.

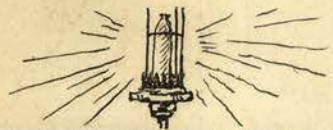


## PIADAS DO SOL

Os jornaes no verão. O *Illustrado* :

«O uso das capas d'oleado, para lhrer da chuva, pede algumas precauções. Apresentam o inconveniente d'aquecerem muito, e quando se tiram rapidamente, arrisca-se uma pessoa a um resfriamento.»

Tambem tem o inconveniente de se romperem.



Ourivesaria e Relojoaria  
com officina anexa  
de fabrico e  
concertos

**FLORINDO**

Jóias  
com brilhantes  
Preços limitadissimos  
99, RUA AUREA, 99



Callista  
pedicuro

JERONIMO FERNANDES  
R. SERPA PINTO, 40, 1.º  
(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e  
desencravarmento de unhas  
pelos mais modernos processos  
até hoje conhecidos.  
Pede-se ao publico que ve-  
lites e te consultorio para se certificar d's verdadeiros  
milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10  
200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administração d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, para onde podem ser dirigidos quaisquer pedidos, acompanhados das respectivas importancias.

No Porto:

Em casa de Arnaldo Soares, Praça de D Pedro, 137, e nas livrarias.

Em Coimbra:

Na livraria Mesquita.

Nas outras terras:

Em casa dos agentes d'*A Parodia*

A CAPA D' "A PARODIA,"  
Para o 1.º e 2.º volume  
Preço 700 réis cada

O 2.º VOLUME DA "PARODIA,"

Encadernado com a capa especial em percalina.

Preço 2\$500 réis

Ha ainda alguns exemplares do 1.º volume, que se vendem pelo mesmo preço. O porte do correio de cada volume é de 300 réis.

**MENÉRES & C.ª**

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

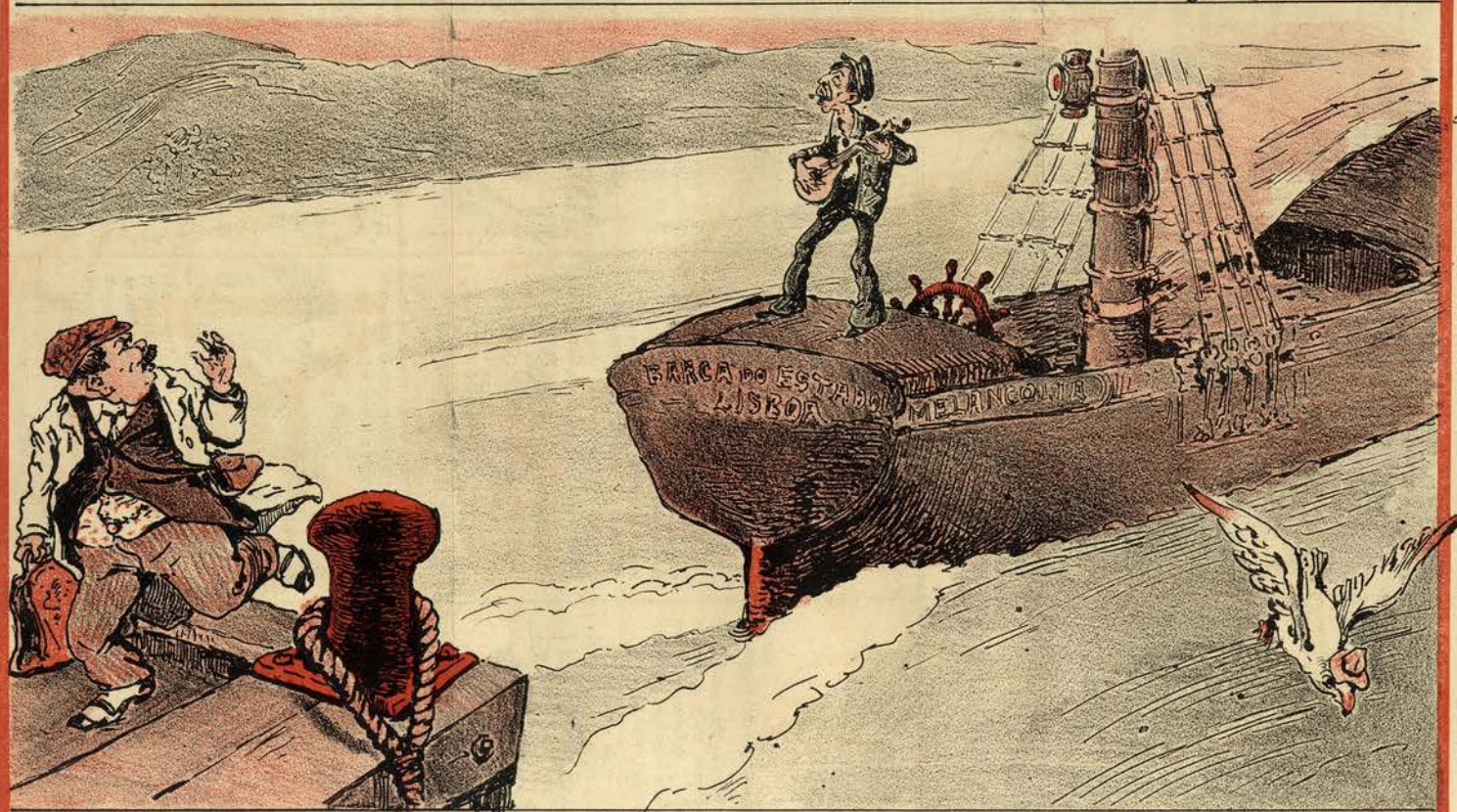
AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

# A BARCA 'MELANCOLIA'

A  
PRODA



«Em Lisboa e na barca avariada da administração publica, apenas o piloto da melancolia, sr. Campos Henriques. O resto da tripulação pediu licença p'ra ir á terra».  
— O Jornal.

Vae marinheiro  
Voa ligeiro  
Voa ligeiro  
Largar! Largar!

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO